

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE REPRESENTADO NO ROMANCE AS MENINAS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Aline Cristine da Gama Lopes

aline.gnr.gma@gmail.com

João Henrique dos Santos

jhs@femanet.com.br

RESUMO:

Neste trabalho realizamos uma análise do romance *As meninas* da autora Lygia Fagundes Telles e as representações femininas na sociedade, destacando temas como liberdade, casamento, violência e a evolução. Buscamos abordar a mulher ao longo da História, as conquistas de direitos e liberdades e a mudança no pensamento do que é ser mulher e sua função social. Além da avaliação das personagens, enfocamos o contexto sociocultural, histórico e político em que se passa o enredo e a construção das personagens, Lia, Lorena e Ana Clara, as jovens estudantes cujo romance narra as respectivas históricas. Nossa análise tem por objetivo um diálogo com a área do

Direito, além de destacar a importância da literatura para o Direito e porquê a arte pode ser útil para os operadores do Direito.

Palavras-chave: Representação feminina, Tradição Patriarcal, evolução, Direito e Literatura

ABSTRACT:

In this work we analyze the novel *The Girls*, by the author Lygia Fagundes Telles, focusing on female representations in society, highlighting themes such as freedom, marriage, violence and the evolution of women in society throughout history. Besides the evaluation of the characters, we seek to analyze the sociocultural, historical and political context in which the storyline and the construction of the characters, Lia, Lorena and Ana Clara, the young students whose novel narrates the respective histories are analyzed. Our analysis aims at a dialogue with the area of Law, in addition to highlighting the importance of literature for the Law and why art can be useful for.

Keywords: Women's Representation, Patriarchal Tradition, Evolution, Law and Literature

As obras ficcionais são capazes de inserir o leitor em uma realidade alheia à sua, enfrentá-lo com problemáticas que não se mostrariam visíveis ao indivíduo em seu espectro original (...) A literatura tem o poder de sensibilizar o leitor a causas que não o comoveriam por meio de um relato jurídico e formalista. Ela atua com a função de recuperar os sentidos perdidos durante o processo de racionalização do direito. (Siqueira. 2011, p. 42).

Lygia Fagundes Telles (1923) nasceu em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923. Filha de Durval de Azevedo Fagundes, advogado, passou sua infância em várias cidades do interior, onde seu pai era promotor. Sua mãe, Maria do Rosário Silva Jardim de Moura era pianista. Formou-se em Direito e Educação Física, na Universidade de São Paulo, porém seu interesse maior era mesmo a literatura.

A autora é representante do movimento pós-modernismo e membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa. O estilo de Lygia Fagundes Telles é caracterizado por explorar de forma intimista a psicologia feminista. Sobre a participação das mulheres na literatura, ela afirma em entrevista concedida em 2008:

A mulher brasileira aprendeu a ler e a escrever muito tarde e mesmo depois disso continuou aprisionada, vigiada. Minhas antepassadas escreviam versos nos cadernos de receitas, de compras do dia: dois quilos de cebola, duas caixas de sabão e vinha um verso, um sonho, um devaneio. A mulher brasileira seguia a tradição portuguesa, quer dizer, completamente dentro do espartilho

Em artigo publicado em 1997, intitulado “A mulher escritora e o feminismo no Brasil”, Lygia afirma:

No começo da minha carreira, eu era uma feminista inconsciente; eu nem pensava em feminismo e eu era feminista, no sentido de batalhar as minhas ideias e a minha vocação. Muito mais tarde vi que a libertação das mulheres significa ser paga por seu trabalho. Minha libertação deveu-se às extraordinárias transformações sociais que o país viveu desde a minha adolescência. Durante a Segunda Grande Guerra, quando os homens válidos partiram para as trincheiras e as mulheres na retaguarda começaram a exercer nas fábricas, nos escritórios e nas universidades, o ofício desses homens... Eis então as mulheres ocupando esses espaços, eis as mulheres provando que também podiam desempenhar funções até o momento notadamente masculinas... Quer dizer que a “rainha do lar” podia desempenhar – e bem – funções mais sofisticadas? Contudo, persistia a desconfiança fechando na sua nuvem o chamado segundo sexo. Isso também no campo das artes, o preconceito

AS MENINAS

No romance *As Meninas*, publicado no ano de 1973, Lygia Fagundes Telles apresenta três personagens femininas, três jovens, Lorena, Lia e Ana Clara, universitárias que moram juntas numa pensão na cidade de São Paulo, na década de 1970, momento em que o país vivia a ditadura militar.

Neste romance, a autora nos traz à reflexão acerca da vida dessas jovens mulheres e a problemática do universo feminino numa época em que os conceitos referentes ao gênero e o papel da mulher na sociedade passavam por mudanças significativas que iriam refletir, inclusive, nos direitos conquistados.

Lygia é uma feminista convicta. Em seu romance “As meninas”, esse modo de interpretar a realidade fica evidente, já que a busca pela construção da história a partir de uma perspectiva feminina é aspecto central da obra. É a partir de um processo de auto-descoberta que Lorena, Lia e Ana Clara são capazes de entender o lugar que ocupam na história, no espaço social e no mundo.

As personagens se diferem em classe social, ideologia e personalidade. Lorena, estudante de Direito, é a jovem oriunda de família tradicional, de classe social elevada. Uma moça sonhadora, romântica, virgem, amante de poesia e rock internacional, que pouco se interessa pelo momento político do país e vive imaginando situações e criando histórias em sua mente.

Lorena idealiza o amor, e relata um romance platônico com um médico mais velho, casado e com filhos, a quem chama de M.M. Além disso, costuma contar para as amigas sobre o fato do irmão mais velho ter assassinado o gêmeo numa brincadeira quando eram crianças, fato este que não é confirmado pela mãe de Lorena no decorrer da narrativa. Desta forma, levanta-se a questão quanto aos relatos de Lorena, tanto sobre o amante quanto sobre a morte do irmão, serem, na verdade, imaginação da garota. Numa análise mais profunda e específica da obra, é possível levantar questões relacionadas à Psicanálise envolvendo a personagem e figura paterna ou, ainda, um possível transtorno psicológico.

Lia, estudante de Ciências Sociais, recebe o apelido de Lião, filha de um ex nazista e de uma nordestina. Uma garota engajada na política, adepta da ideologia comunista, é a que mais lê, citando referências como Hanna Arendt, com interesse em defender causas sociais. A jovem teve um relacionamento homossexual antes de ingressar na universidade, e no momento da narrativa, vive um relacionamento com um jovem revolucionário que é preso e torturado pelos militares. Esta é a personagem que demonstra maior convicção de seus ideais e luta por mudanças no decorrer da obra. Num diálogo travado entre Lia e o motorista particular de Lorena, destacamos o pensamento de evolução da jovem ao se referir à filha dele na seguinte passagem:

A filha também lhe dá alegria? Ele demora na resposta. Vejo sua boca entortar. - Essa moda que vocês tem, essa de liberdade. Cismou de andar solta demais e não topo isso. Agora inventou de estudar de novo. Entrou num curso de madureza. - E isso não é bom? - Só sei que antes de fechar os olhos quero ver a garota casada, é só o que peço a Deus. Ver ela casada. - Garantida, o senhor quer dizer. Mas ela pode estudar, ter uma profissão e casar também, não é mais garantido assim? Se casar errado, fica desempregada. Mais velha, com filhos, entende [...]. - A Loreninha também fala assim mas vocês são de família rica, podem ter esses luxos. Minha filha é moça pobre e lugar de moça pobre é em casa, com o marido, com os filhos. Estudar só serve pra atrapalhar a cabeça dela quando estiver lavando roupa no tanque. [...] - E se ela casar com uma droga de homem e depois virar aí uma qualquer porque não sabe fazer outra coisa? Já pensou nisso? Me desculpe falar assim duro mas vai ter que prestar contas a Deus se começar com essa história de dizer, case depressa filhinha porque senão seu paizinho não morre contente. Se acreditar nela, aposto como ela vai querer merecer essa confiança, vai ser responsável. Se não, é porque não tem caráter, casada ou solteira ia dar mesmo em nada (TELLES, 2009, p. 220- 221)

Ana Clara, estudante de Psicologia, é a mais bonita das três, viciada em drogas. Tem um relacionamento com Max, um traficante jovem e de boa aparência, porém, sem recursos. Filha de prostituta, a jovem jamais conheceu o pai, e sofreu abusos por parte de amantes da mãe durante a infância. Numa passagem do romance, Ana Clara narra sobre o seu passado:

Minha mãe já tinha apanhado feito um cachorro e agora estava deitada e encolhida gemendo ai meu Jesus ai meu Jesus meu Jesusinho. Mas o Jesusinho queria era distância da gente. Então catei a primeira barata que passou pelo fogão e joguei dentro da

panela de sopa. Aí parei de chorar, chorava de ódio e o choro de ódio é estimulante, as minhas melhores ideias nasceram do ódio. [...] Não tive pena nem nada quando ela veio me dizer que tinha de tirar mais um filho porque o Sérgio não queria nem saber, nesse tempo era o Sérgio. ‘Não quero nem saber’, ele disse dando-lhe um bom pontapé. Uivou de desgosto o dia inteiro e nessa noite mesmo tomou formicida. Morreu mais encolhidinha do que uma formiga, nunca pensei que ela fosse assim pequena. Escureceu e encolheu como uma formiga e o formigueiro acabou [...] Não chorei nem nada mas por que havia? Não senti nada (TELLES, 2009, p. 83).

Durante a narrativa, Ana Clara refere-se ao noivo rico e tradicional, homem com quem irá se casar em poucos meses, por quem sente repulsa, mas deseja usufruir da vida confortável que o casamento pode lhe proporcionar. Este relacionamento também é apenas narrado pela personagem, sendo que em determinados momentos dos diálogos entre as personagens, há a insinuação quanto a veracidade deste noivado. Assim como o amante de Lorena, o noivo de Ana Clara somente é citado por ela, podendo ser mera invenção das meninas quanto a algo que almejam e sonham.

Ao analisarmos as três personagens do romance, encontramos três mulheres oriundas de meios diferentes, com sonhos, convicções e interesses diferentes. No entanto, em alguns momentos da narrativa observamos que as três apresentam questões semelhantes referentes às mudanças sociais que ocorriam, oscilando, ora em características e pensamentos patriarcais, ora demonstram objetivos e sonhos de independência financeira e relacionados à carreira. Em alguns momentos o desejo pelo casamento e filhos parece evidente, enquanto em outros, não. Esta oscilação é uma técnica da autora para demonstrar as mudanças gradativas ocorridas na sociedade ao longo dos anos. Podemos observar no diálogo de Lorena com a mãe numa passagem do romance:

Digo apenas que não tenho nenhuma vontade de casar. Ela se anima: 'Não tem agora mais vai ter, todas vocês dizem isso mas quando vem a vontade de filhos vem junto a de casamento. É fatal. Tão mais prático, Lorena. Nas viagens, nos hotéis. Na vida

mesmo em comum, você tem bens, filha. Quem se não um marido para administrar os nossos bens?’ (TELLES, 2009, p. 200)

Em *As Meninas*, encontramos representadas importantes questões sociais referentes à mulher, ao papel da mulher na sociedade e a evolução dos direitos ao longo da História. O romance é um recorte histórico, embora fictício, demonstra com maestria a USP dos anos 1970, greves, lutas e revolução, e também, o universo individual de cada personagem, seus sonhos, desejos, ambições e a problemática familiar de cada uma.

A autora utiliza o romance como denúncia de violência e para romper com tradições. Ela traz no romance esse rompimento com o tradicional, que ocorre de maneira gradual, sem que as meninas tenham consciência disso.

Lygia Fagundes Telles cursou Direito na USP ainda na década de 1940, e relata em sua biografia a preocupação da família e a dificuldade em compreender e apoiar uma jovem com interesse maior nos estudos e na carreira do que num casamento vantajoso. A autora é uma mulher a frente do seu tempo e representa isso em suas obras fictícias. Declara-se feminista, pois busca a igualdade entre os gêneros, o direito da mulher de fazer as mesmas coisas que os homens sem que isso signifique algo negativo. Desta maneira, representa a realidade em sua arte literária, convidando o leitor à reflexão.

A Importância do diálogo entre a literatura e o Direito

Dentro da sociedade a literatura é fator essencial para o crescimento dos cidadãos. Os valores de cada sociedade estão presentes na literatura, nas suas mais diversas formas. Ela ensina, denuncia, mostra os problemas, mostra o passado, nos demonstra lições importantes. A literatura educa e faz com que as pessoas abram os olhos para o mundo real, que enxerguem além do que costumam enxergar, que se

tornem críticos. Ela faz as pessoas viverem mais e assim, questionarem o que estão vivendo. E por fim, mas não menos importante, ela humaniza o homem.

A literatura descreve e toma uma posição diante dos problemas sociais. Essa particularidade é muito importante para o combate pelos direitos humanos, pois mostra para as pessoas, para o leitor, a realidade das adversidades que afligem o mundo

Como podemos notar, a interdisciplinaridade entre Direito e Literatura é de extrema importância. Por meio de várias obras, a Literatura influencia no estudo e na prática do Direito, pois como foi dito, ele se utiliza da Literatura para interpretar a sociedade e saber o que ela pensa sobre a justiça. Assim tanto as pessoas em geral quanto os próprios operadores do direito podem fazer melhores reflexões sobre o mundo que os cerca e inserir esse conhecimento no universo jurídico.

Por meio da Literatura, as pessoas começam a enxergar coisas que às vezes passavam despercebidas, ou então até se percebia, mas não dava a devida importância. A inserção das minorias nos textos literários abriu os olhos de muita gente e até do próprio Direito. Agora essas minorias são enxergadas, senão o suficiente, pelos menos mais do que era antigamente. Com isso, os Direitos Humanos ficam cada vez em maior evidência e é através deles é que os problemas sociais poderão começar a serem resolvidos.

Em suma, é com essa compreensão trazida pelo Direito que o homem conseguirá exigir mais e ir atrás de um mundo melhor, sem cometer os mesmos erros já cometidos no passado. Conjuntamente, abre espaço para uma maior fundamentação nas decisões, melhorando o Direito, a Justiça e o Poder judiciário do mundo atual

Referências Bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura.** In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. *Direitos humanos e...*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **A literatura e a formação do homem.** *Ciência e Cultura.* 24 (9): 803-809, set, 72.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: EditoraContexto, 2000

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Direito & Literatura – Ensaio de Síntese Teórica.** Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008

JUNQUEIRA, Eliane Botelho; ***Literatura e Direito: Uma outra leitura do mundo das leis.*** 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 1998.

HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940).** Tradução Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937).** São Paulo, Brasiliense, 1981.

OLIANI, N. G **As representações da mulher em As meninas, de Lygia Fagundes Telles.**2010. 107f. Relatório (Iniciação Científica). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010. TELLES, L. F.

_____. **As Meninas: Entre o Universo de Lygia Fagundes Telles e o Universo das Representações Femininas.** TriceVersa, Assis, v.4, n.1, jul.-dez.2010

SILVA, Joana Aguiar. **A prática judiciária entre direito e literatura.** 1 ed. Coimbra: Almedina, 2001.

TELLES. Lygia Fagundes, **As meninas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

